

## **ANÁLISE DAS ESCOLAS PROFISSIONAIS FEMININAS DE SANTA CATARINA: OBSTÁCULOS E READEQUAÇÕES<sup>1</sup>**

Nathaly Schelbauer D'Oliveira<sup>2</sup>, Mara Rúbia Sant'Anna<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “Escolas de Artes e Ofícios no Brasil: história, propostas formativas e continuidades na formação do Bacharelado em Design de Moda”

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Moda – CEART – Bolsista PROBIC

<sup>3</sup> Orientadora, Departamento de Moda – CEART – mara.santanna@udesc.br

A minha participação na pesquisa realizada pelo projeto interinstitucional “Escolas de Artes e Ofícios do Brasil: história, propostas formativas e continuidades na formação do Bacharelado em Design de Moda” e coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mara Rúbia Sant'Anna foi iniciada em 2022. Nos últimos semestres o estudo focou na investigação das Escolas Profissionais Femininas de Santa Catarina (EPFSC). Essa fase tem como delimitação temporal os anos de 1960 a 2000 e encontrou no corpo da lei nº 3.676 de 1965 (ALESC), que dispõe sobre a criação de 32ª Escolas Profissionais Femininas espalhadas por 31 municípios catarinenses, o seu objeto de estudo.

Devido à grande quantidade de instituições a serem analisadas e visando a melhor organização e compreensão de suas características, efetuou-se a divisão em 3 grupos: Litoral Sul, Litoral Norte e Meio-Oeste, levando em consideração a localização territorial dos municípios no estado de SC e a sua divisão entre os bolsistas de iniciação científica do projeto.

A discussão centrou-se na história do ensino profissional de artes domésticas, focando na investigação da trajetória das EPFSC. Neste caso, o objetivo principal da pesquisa foi relacionar os documentos sobre as EPFs com os relatos de suas antigas alunas e/ou professoras, a fim de identificar contextos locais, em suas dimensões econômicas, políticas e culturais que comprometeram a existência e/ou a adequação destas instituições, fazendo-as existir ou não em outros modelos até os dias de hoje.

Em relação às fontes utilizadas, efetuou-se estudo de artigos, teses, livros, leis, decretos, websites e periódicos relacionados ao tema. Foi feito contato com instituições municipais e estaduais em busca de documentos pertinentes à pesquisa, assim como o contato com rádios e jornais locais, para encontrar sujeitos que pudessem oferecer relatos sobre suas experiências com a EPF.

Voltando a atenção para minha experiência como bolsista, esta ficou concentrada na investigação sobre a existência das EPFSC do terceiro grupo, intitulado Meio Oeste, que abrange os seguintes municípios: Caçador, Campos Novos, Canoinhas, Capinzal, Chapecó, Concórdia, Herval d'Oeste, Joaçaba, Porto União, Treze Tílias e Videira. Com isto, a equipe viajou para os municípios de Joaçaba e Chapecó, vindo a entrevistar seis ex-alunas e professoras da EPF “Ivone Pereira de Mendonça” de Joaçaba e “Madre de Fabiana de Fabiani” de Capinzal, além de consultar a documentação da EPF de Chapecó, nos arquivos inativos do atual CEDUP do município.

A partir da análise socioeconômica, dos relatos e documentos adquiridos sobre a região em estudo, interpreta-se que a pertinência da criação das EPFSC em seus municípios dependeu, em certos casos, de suas características administrativas e econômicas. Pois, estas instituições não ofereciam cursos que agregassem tanto valor para o setor econômico predominante, o agropecuário e extrativista (vegetal).

Apesar disso, entende-se que as escolas de Joaçaba e Capinzal foram referências estaduais para esse tipo de estabelecimento de ensino, assim como movimentavam o comércio local de materiais artísticos, ofereceram meios de subsistência, inserção no mercado de trabalho e independência econômica para as mulheres que frequentaram os cursos.

Portanto, contribuíam para a entrada da mulher no mercado de trabalho ao mesmo tempo em que eram formas de sociabilidade e interações entre elas. Tal vivência identitária foi pejorativamente reduzida ao entendimento que os cursos eram apenas formas de terapia psicológica ou um hobby, que o ensino público não caberia manter. Por essas discursividades e outras questões macro de expansão da educação profissionalizante no final do século XX para o XXI, atreladas ao modelo neoliberal, as EPFs se extinguíram e seus espaços e equipes foram readequadas aos moldes dos Núcleos de Educação Profissional (NEP) e Centros de Educação Profissional (CEDUP), ajustando-se ao ensino técnico vinculado à inserção rápida no mercado de trabalho industrial ou do 3º setor.

Apesar da extinção, as prefeituras e outras associações atualmente mantêm em alguns locais atividades de formação, transmitindo os conteúdos e saberes ensinados pelas antigas EPFs, como é o caso dos “clubes de mães”, vinculados às secretarias municipais de assistência social e aos ateliês privados de modelagem, pintura, costura etc., disponíveis apenas para mulheres com determinada renda e disponibilidade de tempo.

Ao analisar a trajetória da pesquisa, continua-se a crer na validade da hipótese inicialmente levantada: que o ensino profissional de caráter feminino não detém, aos olhos do governo, relevância suficiente para que sua permanência e/ou registro da existência sejam almejadas. Em uma sociedade capitalista e patriarcal, apesar do sucesso, a educação feminina e das artes manuais se torna insignificante comparada ao ensino técnico, que prepara a mão de obra das indústrias.

Dessa forma, como resultados finais aponta-se o caráter secundário e marginal que o ensino profissionalizante destinado ao público feminino teve no contexto geral da educação para o trabalho no século XX, em Santa Catarina.

Além de tudo, é importante ressaltar que durante a vigência da bolsa foi efetuado a: produção de boletins informativos para atualizar os integrantes do projeto sobre as pesquisas efetuadas; relatórios das reuniões mensais; organização e conferência das pastas do drive, que contém os levantamentos produzidos; participação na comissão organizadora do 5º Caminhos do Contemporâneo; correção ortográfica do livro “O Jovem Victor Meirelles: tempos, traços e trajes” de autoria da coordenadora; a leitura e fichamento de textos; a participação como ouvinte e apresentação no 32º Simpósio Nacional de História, com participação no Painel de Iniciação Científica através do trabalho intitulado “Escolas Profissionais Femininas: Uma história da educação catarinense”; bem como a preparação do plano de mídia das redes sociais do Laboratório Moda, Artes, Ensino e Sociedade.

Em relação às conclusões da pesquisa, para os próximos meses, visa-se a apresentação e colaboração no 18º Colóquio de Moda de 2023 com o artigo “Vestígios Escassos e Histórias Excluídas: Escola Profissional Feminina de Santa Catarina” e 1º Encontro do Núcleo de Memória do IFRS com a pesquisa “Memórias, afetos e intercâmbios: experiências de professoras das Escolas Profissionais Femininas”. Por fim, a submissão do trabalho final nos anais da revista interinstitucional Artes de Educar (UERJ/FFP).

**Palavras-chave:** Artes Manuais. Oeste Catarinense. História Oral. Escolas Profissionais Femininas.